

GARATUJAS: considerações sobre a importância da interpretação dos desenhos na Educação Infantil

LAMAS, Denise Rodrigues Moreira¹; CONDÉ, Patrícia Peluso²;
MOLLICA, Adriana Maria Vieira ²; OLIVEIRA, Claudia Alexandre de
Freitas²



denisermllamas@gmail.com
patricia.peluso.conde@gmail.com
ana.amelia@unifagoc.edu.br

¹ Graduação Pedagogia - UNIFAGOC.

² Docente Pedagogia - UNIFAGOC

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a importância do conhecimento e interpretação das garatuhas na Educação Infantil e o seu papel no desenvolvimento da criança. Busca-se, portanto, respostas para o seguinte questionamento: de que forma a compreensão e interpretação das garatuhas das crianças da Educação Infantil podem contribuir para o planejamento de estratégias que visem a promover o desenvolvimento da escrita e da leitura? A metodologia do presente estudo foi elaborada valendo-se de métodos de análises bibliográficas, utilizando-se da abordagem qualiquantitativa, com aplicação de questionário a duas professoras de escolas municipais das cidades de Ubá e Guidoal, Minas Gerais. Conclui-se que é necessário que desde o início da formação de uma criança, os educadores possibilitem suas representações escritas, dando-lhes a importância devida, procurando compreendê-las, visto serem essenciais para a formação emocional, social e da linguagem. Quanto mais autonomia for concedida ao educando para se expressar através dos desenhos, mais eficiente ele se tornará, uma vez que a garatuha é baseada na curiosidade e personalidade da criança.

Palavras-chave: Educação infantil. Garatuhas. Escrita. Leitura.

INTRODUÇÃO

As garatuhas, rabiscos e desenhos rudimentares que as crianças fazem para se expressarem por escrito, de acordo com Souza (2020) representam, para os pequenos, a porta de entrada para o mundo enigmático da escrita e da leitura. Para o autor, é importante que se procure enxergar nesses desenhos, que surgem a partir do primeiro contato do educando com o mundo escolarizado, as possibilidades de desenvolvimento da criança nas fases da Educação Infantil para que sejam pensadas as estratégias de ensino adequadas a ela.

O autor também afirma que tais desenhos e grafismos executados pelos discentes, em um primeiro momento são vistos como a linguagem infantil na escola. Em um segundo momento, segundo o autor, as garatuhas devem ser pensadas pelos educadores como “partes constituintes do desenvolvimento dos níveis da escrita e escolarização da criança” (SOUZA, 2020, p. 365).

Segundo o site Pedagogia ao Pé da Letra (2013), embora a criança se expresse oralmente muito cedo, a garatuha é seu primeiro registro permanente. Esses primeiros rabiscos são importantes, pois conduzem os pequenos não somente ao desenho e à pintura, mas, também, à palavra escrita. A forma como essas garatuhas são recebidas pode influenciar em seu contínuo desenvolvimento ou não.

Apesar de inicialmente tais rabiscos parecerem sem sentido, são uma maneira de imitar as ações do adulto. O lápis, utilizado de forma desordenada, contribui para esses

primeiros traços, muitas vezes incompreensíveis para os adultos, porém repletos de significados para a criança, visto serem uma forma de representação de sua identidade pessoal. Na visão de Ferreiro (2013, p. 01):

Ela sente prazer em traçar linhas em todos os sentidos, sem levantar o lápis, o qual é como se fosse o prolongamento de sua mão. Os traços estão em relação direta com o “eu” (ego) das crianças: quando felizes, as linhas saíam fortes e ocupam um grande espaço na folha; quando instáveis, deixarão cair o lápis; quando não estão se desenvolvendo bem, não o sabem segurar.

As garatujas são marcantes no desenvolvimento infantil, pois representam as primeiras tentativas da criança se expressar por escrito, o caminho progressivo que a levará ao desenho, à palavra e à escrita. Esses traços, inicialmente desordenados e desprovidos de controle motor, são manifestações nas quais a criança ignora os limites do papel ao traçar as primeiras linhas longitudinais que, aos poucos, vão se tornando circulares até se fecharem em formas independentes, as quais ficam soltas na folha.

Com muita sutileza, as garatujas revelam o olhar da criança. Observadores os pequenos experimentam enquanto desenhavam e acabam estabelecendo relações que ficam na memória. Descobrem os resultados dos movimentos que fazem com o braço, buscam as possibilidades das formas para depois dominá-las e encontram os limites do papel, assim criam de forma autônoma. É com a exploração desses rabiscos que a criança vai construir sua produção autoral. (SILVA, 2010, p. 02).

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a importância do conhecimento e interpretação das garatujas na Educação Infantil e o seu papel no desenvolvimento da criança. Busca-se, portanto, respostas para o seguinte questionamento: de que forma a compreensão e interpretação das garatujas das crianças da Educação Infantil podem contribuir para o planejamento de estratégias que visem a promover o desenvolvimento da escrita e da leitura?

As reflexões presentes nesta pesquisa buscam colocar em destaque como as crianças conseguem se expressar através das garatujas realizadas em seu primeiro contato com a instituição escolar e, conseqüentemente, com a escrita e a importância desses grafismos como partes constituintes do desenvolvimento dos níveis de escrita e escolarização infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

O desenho é uma das linguagens mais antigas usadas pelo homem. O interesse de estudiosos pelo grafismo infantil coincide com os estudos dedicados à infância e suas características. Na visão de Merèdieu (2006, p. 4), “o estudo do desenho infantil data do fim do século XIX”; entretanto, antes desse período, os pequenos já desenhavam, porém, as produções eram feitas com materiais diversos e em suportes temporários. Somente após o surgimento do lápis e do papel é que se pode registrar de uma forma permanente as obras infantis.

Alguns estudiosos consideram o grafismo uma atividade inata, enquanto outros defendem a influência do meio cultural em seu desenvolvimento. Existem inúmeras teorias e formas de se interpretar os desenhos infantis. Derdyk (2008) afirma que tais grafismos podem ser estudados no intuito de revelar a natureza emocional e psíquica

da criança; a linguagem gráfica analisada em seu aspecto meramente formal e simbólico; pode-se fazer uso do desenho na aplicação de testes de inteligência ou até mesmo avaliar a capacidade do desenho demonstrar o desenvolvimento infantil.

As garatujas, que são formadas por traços sem aparente finalidade, apresentam, na verdade, uma ação intencional que merece atenção. Iavelberg (2008, p. 45-46) atesta a importância do desenho para desenvolvimento da criança:

A criança considera o rabisco como desenho no momento inicial que nomeamos desenho Ação, pelo fato de o rabisco pertencer ao seu universo de ações gráficas. No momento posterior, Imaginação I, afirmará que o rabisco não é desenho, dada sua hipótese do desenho como figuração sobre superfície bidimensional. Voltará, por fim, a considerá-lo como tal no próximo momento da Apropriação, pois nele poderá atribuir sentidos simbólicos para os rabiscos. A criança transgredir, nesse nível, a informação direta da imagem acrescentando-lhe sentidos construídos a partir da percepção ativa que realiza como observadora.

As crianças expressam, em seus desenhos e rabiscos, as formas diferentes que conseguem enxergar o mundo. É função do professor, portanto, orientar e investigar as simbologias presentes e reveladas através dos desenhos infantis. O docente deve, paralelamente, apresentar aos pequenos novas imagens para que eles possam internalizar novos conhecimentos e ampliar, dessa forma, a variedade de seus grafismos.

Cabe aos professores orientar suas ações por intermédio da observação da aprendizagem em desenho com enunciados que promovam ações para aprender a desenhar com marca pessoal, de forma cultivada, ou seja, alimentada pela cultura. À aprendizagem dos diferentes tipos de conteúdos associam-se a aprendizagem de competências e habilidades, que passam a ser mobilizadas pelo aprendiz em diversas situações. (IAVELBERG, 2008, p.29).

Deve-se ressaltar que as intervenções do professor podem favorecer ou bloquear o processo criativo de seus alunos, pois as experiências de aprendizagem das crianças são determinantes para o desenvolvimento do desenho como forma de linguagem.

É indispensável que o professor incentive a criança a pensar e explorar o mundo em que vive e, posteriormente, transcrever por escrito suas percepções, pois isso influenciará em como será sua relação na sociedade. Essas transcrições ocorrerão por meio de garatujas, as quais são as primeiras formas de expressão dos pequenos. Os grafismos e traços dizem muito sobre a capacidade e espírito crítico de um indivíduo; por isso, é dever do docente evitar desenhos estereotipados que possam privar a imaginação. A diversidade faz a diferença e valoriza a cultura e contexto familiar. São nesses desenhos que a criança constrói o seu mundo, elabora suas dúvidas, curiosidades e desenvolve sua criatividade.

O grafismo da criança é, “uma semântica aberta”, onde cada signo combina-se a outro de maneira mais complexa. Esta semântica confirma obviamente a pessoa, a sua individualidade, mas também um saber coletivo, legado de uma convenção simbólica. Desenhar para a criança é aprender a utilizar símbolos e manejar as relações ou as regras que vinculam significados aos significantes no seu ambiente. (CAMBIER, 1990 *apud* IAVELBERG, 2008, p. 56).

Os rabiscos e desenhos vão se transformando em letras e palavras à medida que há uma evolução na aquisição da escrita. Os grafismos e seus significados expressam as reações infantis e interligam a criança ao mundo ao seu redor e é através das garatujas que elas encontram os caminhos que levam a sua aprendizagem e desenvolvimento. Essa ideia é corroborada por Greig (2008, p. 141) quando afirma:

Quando a criança se instala com sua folha de papel ela encontra um espaço que se torna um prolongamento de seu “eu”, no interior do qual ela pode tudo. Essa superfície branca, tela ou espelho, permite que, sozinha consigo mesma, viva um momento fora do tempo e do espaço reais, rico de sensações e de necessidades pessoais [...] a expressão proporciona um grande alívio, uma enorme satisfação.

De acordo com Silva (2002, p. 28), “o fato de a criança planejar seu desenho significa que há intenção representativa, e que ela está organizando suas ações por meio da fala”. A evolução do grafismo ocorre quase simultaneamente à evolução da linguagem oral, quando, através da fala, a criança começa a ordenar seus desenhos e as garatujas passam a representar suas ações e intenções.

A fala pode ordenar o desenho: quando a criança diz “Vou fazer um carro”, e dirige sua ação gráfica neste sentido, é orientada pela palavra. Ao mesmo tempo, o desenho organiza a fala quando determinado grafismo sugere um rio, por exemplo, e a criança assim denomina seu traçado, estimulada pela marca gráfica. (SILVA, 2002, p.29).

É importante que a criança exteriorize seus pensamentos, sua visão de como estar no mundo. Ao se apropriar dessa rede de significados, ela cria e recria suas percepções e, dessa forma, torna-se sujeito participativo da sociedade e da cultura nas quais se encontra inserida.

O grafismo infantil tornou-se objeto de estudo para compreensão das etapas de desenvolvimento da criança. Para vários autores, os desenhos infantis se dividem em algumas fases. Este estudo optou por fazer uso das análises de dois desses autores sobre a divisão das etapas das garatujas infantis: Lowenfeld (1976) e Piaget (1976). A escolha embasou-se na importância de ambos para o estudo e análise das garatujas e sua relação com o desenvolvimento infantil.

De acordo com Lowenfeld (1976), existem quatro fases, elencadas a seguir:

1 – Rabiscção Desordenada ou Garatuja: a criança desenha sem intenção alguma de escrever ou desenhar, apenas pelo prazer de rabiscar. Esse período corresponde a um ano e meio, idade em que a criança, está “causando expansão às necessidades motoras. Nesta fase, a criança expressa, através de seus traçados, ternura e confiança ou medo e agressividade” (SOUZA, 2010, p. 20). Ainda nesta primeira fase, a criança dá início ao desenho de bolinhas, quadrados, etc., fase conhecida como *Rabiscção longitudinal*, em que os desenhos se tornam símbolos isolados. A esta fase, segue a fase da *Rabiscção*, quando a criança passa a nomear seus desenhos e a figura humana torna-se perceptível com traços fechadas e identificáveis.

2 – Figuração Pré-Esquemática: neste estágio, a criança faz relações “entre desenhos, pensamentos e realidade” (SOUZA, 2010, p. 22). As garatujas não perdem o sentido, porém tornam-se reconhecíveis e com significados. Os desenhos ainda não são alinhados e as crianças não têm uma visão geral do que são, mas a narrativa está sempre presente nas atividades, mostrando a imaginação e criatividade, pois falam sobre os desenhos, dando uma sequência lógica a eles.

3 – Figuração Esquemática: neste estágio, as crianças desenvolvem relações de referências socioculturais para desenharem casas, pessoas, animais, “descobrimo a existência de uma ordem definida nas relações espaciais” (SOUZA, 2010, p. 24). Lowenfeld (1976) pontua que a criança faz seus grafismos sobre uma linha de base que serve para sustentar seus desenhos, que seria o chão, e ela poderá colocar tudo o que quiser sobre ele.

4 – Figuração Realista: nesta última fase, a criança é mais detalhista, desenha tudo o que vê e descobre a importância do trabalho coletivo. De acordo com Lowenfeld (1976), esta fase também é caracterizada como idade da “turma”, pois percebem que tarefas podem ser realizadas em conjunto. A criança, neste estágio, consegue distinguir o tamanho dos objetos, compreendendo que o que está na frente é maior e esconde o que está atrás.

Piaget (1976), por sua vez, defende a ideia de que existem cinco fases correspondentes ao desenvolvimento infantil e a primeira delas é a garatuja. De acordo com Piaget (1976), as garatuja se dividem em *Garatuja desordenada* (fase sensorio: motora – 0 a 2 anos) e *Garatuja ordenada* (fase pré-operatória: 2 a 7 anos). A garatuja desordenada tem como característica desenhos amplos e desordenados, não havendo preocupação com o desenho em si, visto que a criança desenha diversas vezes sobre o mesmo local; por outro lado, na garatuja ordenada, apresenta movimentos mais distantes e circulares e, apesar de a criança não aparentar preocupação com tamanho ou posição, percebe-se que ela se preocupa com as formas.

A segunda fase de Piaget (1976), denominada *Pré-esquematismo*, revela traços e cores que não têm relação com características reais, porém são reflexos da imaginação e as relações estabelecidas entre desenho, pensamento e realidade.

Piaget (1976) caracteriza a terceira fase como *Esquematismo* e nela a criança faz uso de esquemas representativos para a construção de novas formas. A linha do caderno serve de base e ela descobre a relação cor / objeto. A quarta fase destacada por Piaget (1976) é o *Realismo*, fase na qual a criança abandona a linha de base e passa a fazer uso de figuras geométricas, com o uso de superposição de imagens, as quais são retratadas como são vistas na realidade.

A última fase, de acordo com Piaget (1976), é o *Pseudo Naturalismo*, fase na qual a criança põe fim à arte espontânea e passa a desenhar com riqueza de detalhes para que, com seu desenho, consiga expressar, com clareza, o que quer dizer. Esta fase ocorre, normalmente, a partir dos dez anos de idade.

Pretende-se, com este trabalho de pesquisa, demonstrar a importância da compreensão das fases das garatuja e sua relação com as etapas de desenvolvimento infantil. Para chegar à fase de alfabetização, a criança passa por vários processos, dentre eles a garatuja.

Ferrari (2010, p. 2), embasada por Emília Ferreiro, afirma que “o primeiro nível da criança para o alcance da escrita, baseia-se na procura de critérios que lhe permitam diferenciar os dois modos básicos de representação gráfica: o desenho e a escrita.” E completa seu pensamento: “após as crianças realizarem suas explorações através dos rabiscos, elas passam a relacionar o seu desenho com a escrita e chegam à conclusão que organizando as linhas que fazem no papel podem direcioná-las tanto para o desenho quanto para a escrita” (FERRARI, 2010, p.2).

O incentivo à criança para explorar o mundo que a cerca fará a diferença na sua produção futura. Deve-se levar em consideração que desenhos estereotipados prejudicam a imaginação e o espírito crítico, bloqueando a criatividade. O planejamento, a diversidade e conhecimento do docente farão a diferença no

desenvolvimento da criança. Além disso, a escola deve valorizar a cultura e as vivências que o aluno traz do seu contexto familiar e social.

METODOLOGIA

Esta pesquisa visa analisar e compreender a importância dos primeiros grafismos infantis, denominados garatuhas, para o processo de aquisição da escrita em crianças da Educação Infantil. Buscou-se verificar se as professoras têm consciência dessa importância e se valorizam as representações escritas de seus alunos.

A metodologia do presente estudo foi elaborada valendo-se de métodos de análises bibliográficas, com pesquisas realizadas em material previamente publicado sobre o assunto, utilizando-se da abordagem quantitativa, com aplicação de questionário, e exploratória, visando criar familiaridade do pesquisador com o tema.

A pesquisa, em relação aos procedimentos, pode ser classificada como bibliográfica, pois foi desenvolvida a partir de materiais publicadas em livros, artigos, dissertações e teses. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema.” Segundo Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Esta é, também, uma pesquisa descritiva, haja vista que “este tipo de pesquisa ocorre quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 79). Segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 71), “por meio de pesquisas descritivas, procura-se descobrir com que frequência um fenômeno ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações e conexões com outros fenômenos”.

Quanto aos objetivos, optou-se pela pesquisa exploratória, a qual não requer a formulação de hipóteses para serem testadas e se restringe a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo, portanto ela é um passo inicial para o projeto de pesquisa. “A pesquisa exploratória é recomendada quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 61).

Em relação à natureza, esta é uma pesquisa básica, pois é motivada basicamente pela curiosidade intelectual do pesquisador e situada, sobretudo no nível da especulação e descoberta da verdade, intuindo novos conhecimentos (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002; VERGARA, 2005).

A pesquisa, em relação à abordagem, classifica-se como quantitativa. Esclarece Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população

alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Com o objetivo de compreender a perspectiva das respondentes em relação à importância dos grafismos infantis, a pesquisa também se classifica como qualitativa. A pesquisa qualitativa se diferencia da quantitativa de acordo com a forma de abordagem de uma realidade e da maneira pela qual os dados são coletados, tratados e analisados. O método qualitativo não aplica instrumentos estatísticos para análise de um problema, uma vez que seu objetivo não é medir nem numerar os eventos estudados (RICHARDSON, 2008).

Para Bryman (1992), citado por Flick (2009), a lógica da triangulação, ou seja, da combinação entre diversos métodos qualitativos e quantitativos, visa a fornecer um quadro mais geral da questão em estudo. Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos.

Para obtenção dos dados necessários, foi aplicado um questionário com 9 questões fechadas e 3 questões abertas a duas professoras da Educação Infantil, de duas escolas municipais; uma na cidade de Ubá e outra, na cidade de Guidoal (MG). De acordo com Gil (1999), o questionário é um instrumento de investigação composto por um número de questões que são apresentadas às pessoas envolvidas na pesquisa. Devido à pandemia do COVID - 19 e, conseqüentemente, o isolamento social, o questionário foi elaborado no *Google Forms* e enviado às respondentes por e-mail.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreender o que foi discutido até aqui sobre as garatujas e a importância da interpretação dos desenhos na Educação Infantil, aplicou-se um questionário a duas professoras da Educação Infantil de escolas municipais das cidades de Ubá e Guidoal (MG), buscando conhecer sua experiência e ponto de vista sobre o assunto. Os resultados obtidos foram analisados e transcritos a seguir. A fim de preservar o anonimato, as professoras foram nomeadas Professora 1 que leciona em Guidoal e Professora 2 que leciona em Ubá.

A primeira pergunta quis saber se as professoras haviam estudado sobre o desenho infantil em sua formação acadêmica. A Professora 1 respondeu que sim e a Professora 2 disse que estudou muito pouco. Essa informação é bastante relevante, porque o conhecimento sobre os desenhos infantis é ponto de partida para compreender o desenvolvimento da criança. Segundo Iavelberg (2008, p.25), “Considera-se que, ao desenhar, a criança use cognição e sensibilidade somadas à experiência que tem diretamente com desenho no contexto social, histórico e cultural em que vive.”

A segunda pergunta questionou como as professoras trabalham o desenho em sala de aula. E as respostas foram as seguintes: *“Deixo as crianças desenharem livremente, faço atividades de desenho orientadas e uso a atividade de desenho em horas livres, como lazer e*

fruição." (PROFESSORA 1); *"Deixo as crianças desenharem livremente e faço atividades de desenho orientadas."* (PROFESSORA 2). É importante que as crianças tenham liberdade para se expressarem através dos desenhos, porque é a forma de comunicação verbal que utilizam nessa faixa etária.

Em seguida, foi perguntado às professoras se as crianças têm liberdade para desenhar e se elas desenhavam livremente. A Professora 1 respondeu *"Sim, sempre"*; por outro lado, a Professora 2 respondeu *"Sim, às vezes."* Ressalta-se a importância de as crianças terem liberdade para se expressarem através de desenhos com frequência. Na visão de Faria (2002, p. 71):

O desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados. Saliento que tal perspectiva tomou o cuidado de não "engessar" a produção infantil, enquadrando-a em determinados padrões, tendo a opção de utilizar as falas de seus produtores no momento da produção.

Destaca-se, também, que é vital a valorização dos desenhos infantis. Segundo Meyer (2008, p. 23):

Quando as produções infantis vão para o "lixo", ou são rotuladas como "feias" ou um "monte de rabiscos", ou como só estamos "brincando", a criança sente-se desvalorizada. É preciso traduzir as práticas infantis para a comunidade e mostrar que brincar é um direito da criança e que muito se aprende brincando.

A quarta pergunta questionou o porquê de as educadoras acharem necessário trabalhar o desenho livre da criança em sala de aula. Elas responderam da seguinte maneira: *"O desenho é uma forma que a criança tem de se expressar, colocar seus sentimentos no papel, sendo assim é de extrema importância que ela tenha momentos para fazer isso livremente."* (Professora 1); *"O desenho livre é extremamente importante para o desenvolvimento da criatividade da criança, pois através do desenho ela se expressa, cria, inventa"*. (Professora 2). De acordo com Iavelberg (2008, p. 20):

Livre das influências do ensino, o desenho é tratado mais como produção espontânea da infância e menos como imitação e representação precisa da realidade". A criança rabisca por diversão e sem intenção ou finalidade de fazer um desenho, acaba se expressando através dos desenhos livres.

Na quinta pergunta, foi questionado se a escola possui materiais que estimulam o interesse da criança pelo desenho (giz de cera, canetinha, lápis de cor, folha branca) e as duas professoras disseram que sim. Esse resultado é bastante positivo, pois a escola deve proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento infantil e esse desenvolvimento passa pela fase da produção de garatujas.

As respondentes também foram questionadas se nos planos de aula há um dia específico para o desenho. A Professora 1 disse que não; entretanto, a Professora 2 declarou:

Sim. Todos os dias tem um horário para o desenho livre, pois acredito que essa é uma atividade muito importante na Educação Infantil. Eu gosto de utilizar cada dia um material, por exemplo, tem o dia do lápis de cor, o dia do giz de cera, dia da pintura livre. Mas o mais utilizado por mim é o giz de cera. (PROFESSORA 2).

Para um bom desenvolvimento da criança na Educação Infantil, é importante a realização de atividades lúdicas e atrativas como o desenho. Para Vigotsky (2009, p. 16):

A imaginação da criança requer muita atenção e cuidado, pois a infância é uma etapa no qual o sujeito está em constante aprendizado e seu pensamento e a sua memória registram e atribuem significados as suas experiências de maneira muito dinâmica e estas vão sendo constantemente percebidas e guardadas na memória.

Foi questionado também se elas procuram saber o significado dos desenhos dos alunos e as duas professoras responderam que “*Sim, sempre*”. Essa resposta merece uma atenção especial, visto que a Professora 1 afirmou na pergunta anterior que não dedica uma atenção especial ao desenho em seu planejamento. Percebe-se que as professoras têm conhecimento sobre a importância das garatuja infantis no processo de formação dos alunos, apesar de não parecer dar a elas o devido valor.

Em seguida, as docentes foram questionadas sobre o que elas sabem a respeito das garatuja. De acordo com a Professora 1:

As Garatuja são os primeiros rabiscos das crianças e a maneira como essas garatuja são recebidas pelos pais e professores são de extrema importância para de desenvolvimento da criança. De maneira geral, a criança passa de uma Garatuja desordenada para uma controlada no aspecto motor e no visual. A Garatuja desordenada compõe-se por traços desordenado, descontrolados e sem sentido e também não há controle viso motor preciso, muitas vezes a criança rabisca sem olhar para o papel, ela não tem intenção de representação. Na garatuja ordenada a criança já tem controle viso motor, ela descobre a relação entre seus traços e os movimentos que faz no papel.

No ponto de vista da Professora 2, “*são os primeiros traços das crianças, que muitas vezes não fazem sentido para nós, mas elas sempre sabem explicar o que desenharam. Para nós as vezes parecem rabiscos, mas para elas tem sentido.*”

É visível que ambas as respondentes possuem conhecimento teórico sobre as garatuja, o que é um dado positivo, haja vista o importante papel desempenhado por esses rabiscos infantis no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil.

A pergunta seguinte foi se os alunos gostam de desenhar. E ambas responderam que gostam muito. Diante dessa resposta, questiona-se o porquê de não ser consenso um horário destinado ao desenho na elaboração do planejamento.

Em seguida foi questionado como elas consideram o nível de desenvolvimento no desenho de sua turma e, segundo a Professora 1, “*Os alunos se encontram na fase Pré-esquemática onde eles começam a relacionar desenho, pensamento e realidade. Acredito que estão bem desenvolvidos e na fase correta.*” De acordo com a Professora 2:

Atualmente, estamos vivendo uma pandemia, com aulas suspensas. Então eu tenho gravado videoaulas e enviado para meus alunos, não tenho retorno das atividades deles ou do desenvolvimento. Eles estão no maternal 3, e alguns pais apenas que me enviam fotos de seus filhos fazendo atividade. No entanto, não está sendo suficiente para eu saber como está o desenvolvimento do desenho deles.

Constata-se, pelo teor das últimas respostas, que a Professora 2 demonstra maior conhecimento em relação à realidade de sua turma, enquanto a Professora 1 responde de forma mais teórica e generalizada.

Quando questionadas sobre a importância do desenho na Educação Infantil, a Professora 1 afirmou que “*O desenho é fundamental nessa etapa, além de ser uma atividade*

prazerosa aos alunos é uma forma de comunicação”; enquanto, para a professora 2, “É importante para desenvolver diversas habilidades, criatividade, imaginação, expressão”.

Segundo Derdyk (2008, p. 51): “O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel”.

A última pergunta buscou saber se o desenho contribui para o desenvolvimento integral da criança e, em caso afirmativo, como isso acontece.

Com certeza. O desenho contribui para diversos fatores no desenvolvimento infantil trabalham desde o desenvolvimento socioemocional pois possibilitam as crianças a se expressarem, o desenvolvimento motor já que enquanto a criança desenha ela desenvolve diversas habilidades como coordenação motora, o desenvolvimento artístico e o desenvolvimento viso motor. (PROFESSORA 1).

A Professora 2 afirmou que “Sim, pois a criança, através do desenho, tem a oportunidade de se expressar, de demonstrar o que sente, o modo como enxerga as coisas.”

De acordo com Leite (1998, p.135):

Trabalhar o olhar sensível, aguçar a escuta, saber admirar-se e estranhar o familiar, procurar entender o mundo no qual estamos inseridos e nele deixar nossas marcas; criar. É a partir dessa inesgotável transformação e reapropriação da realidade que entendo o desenho infantil.

A criança rabisca por diversão e, sem intenção ou finalidade de fazer um desenho, acaba se expressando através dos desenhos livres; portanto, é imprescindível que haja a liberdade de desenhar na Educação Infantil, porque é através do desenho que a criança se expressa, se desenvolve e mostra como elas veem o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender a importância do conhecimento e interpretação das garatuja na Educação Infantil e o seu papel no desenvolvimento da criança. Acredita-se que a compreensão e interpretação das garatuja das crianças da Educação Infantil podem contribuir para o planejamento de estratégias que visem a promover o desenvolvimento da escrita e da leitura

A garatuja, que é a expressão simbólica inicial da criança, não é apenas um mero rabisco e, sim, o início da capacidade de aprendizagem. Entretanto, apesar de sua importância, verificou-se, através da análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário, que esses primeiros desenhos infantis ainda não recebem a devida atenção, o que pode provocar um prejuízo futuro no processo de alfabetização dos educandos.

O desenho infantil é uma forma natural de a criança expressar por escrito suas ideias e sentimentos. Acredita-se na necessidade de as crianças serem livres para criar, inventar e imaginar, o que conduzirá à formação da cultura, aprimorando seu gosto e estética do desenho, o que deve ser condizente com os hábitos infantis.

Conclui-se, portanto, que é necessário que, desde o início da formação de uma criança, os educadores possibilitem suas representações escritas, dando-lhes a importância devida, procurando compreendê-las, visto serem essenciais para a formação emocional, social e da linguagem. Quanto mais autonomia for concedida ao educando para se expressar através dos desenhos, mais eficiente ela se tornará, uma vez que a garatuja é baseada na curiosidade e personalidade da criança.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide Aparecida de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri e PRADO, Patrícia Dias (org). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.
- FERRARI, M. **Emília Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a educação**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao/-inicial/conhecer-nova-turma-431205.shtml>.
- FERREIRO, E. **Guia prático da educação infantil**. Disponível em: http://pedagogia.tripod.com/emilia_ferreiro.htm.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. 1. reimpr. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- IABELBERG, R. **O desenho cultivado da criança: práticas e formação de educadores**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Infância e produção cultural: Desenho infantil**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.
- LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.
- MÈREDIEU, F. de. **O desenho infantil**. Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MEYER, I. C. R. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- MEYER, I. C. R. **Brincar & viver: projetos em educação infantil**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- OS PRIMÓRDIOS DA AUTOEXPRESSÃO: A FASE DAS GARATUJAS, DE 2 a 4 ANOS. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/os-primordios-da-autoexpressao-a-fase-das-garatuja-de-2-a-4-anos/>. Acesso em: 5 set. 2020.
- PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social - métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 334 p.
- SILVA, M. **A importância da garatuja**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/rabiscosideias-desenho-infantil-garatuja-evolucao-cognicao-expressao-realidade-518754.shtml>.
- SOUSA, I. V. Da garatuja à escrita infantil. **Humanidades e inovação**, v. 7, p. 264-373, 2020.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

Este questionário tem a intenção de recolher informações sobre Garatuja: a importância da interpretação dos desenhos na Educação Infantil. É, portanto, um instrumento metodológico que se enquadra em uma pesquisa do curso de Pedagogia do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, UNIFAGOC. Todas as informações reunidas são estritamente confidenciais. Por favor, responda com sinceridade, pois a sua opinião é de muita importância. Obrigada pela contribuição.

1) Em sua formação acadêmica, você estudou sobre o desenho infantil?

- ☐ Sim.
- ☐ Muito pouco.
- ☐ Não.

2) Como você trabalha o desenho em sala de aula? Pode marcar mais de uma opção.

- ☐ Deixo as crianças desenharem livremente.
- ☐ Faço atividades de desenho orientadas.
- ☐ Solicito às crianças que façam cópias de algum desenho.
- ☐ Uso a atividade de desenho em horas livres, como lazer e fruição.

3) As crianças têm liberdade para desenhar? Desenham livremente?

- ☐ Sim, sempre.
- ☐ Sim, às vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

4) Você acha necessário trabalhar o desenho LIVRE da criança em sala de aula?

- ☐ Sim.
- ☐ Às vezes.
- ☐ Não.

Justifique sua opção de resposta

5) A escola possui materiais que estimulam o interesse da criança pelo desenho (giz de cera, canetinha, lápis de cor, folha branca)?

- ☐ Sim.
- ☐ Poucos.
- ☐ Não.

6) Nos seus planos de aula, tem um dia específico para o desenho?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

Em caso afirmativo, como funciona essa prática?

7) Você procura saber o significado dos desenhos dos seus alunos?

- () Sim, sempre.
- () Sim, às vezes.
- () Não.

8) O que você sabe sobre Garatuja?

9) Seus alunos gostam de desenhar?

- () Gostam muito.
- () Gostam às vezes.
- () Acham desinteressante.
- () Não gostam.

10) Como considera o nível de desenvolvimento no desenho de sua turma? Justifique.

11) Para você, qual a importância do desenho na Educação Infantil?

12) O desenho contribui para o desenvolvimento integral da criança? Como?
